

Despertando para uma nova vida: um estudo sobre o sentido do sono em “a Bela Adormecida”/Awakening for a new life: a study on the sense of sleep in “Sleeping Beauty”

*Adrienne Gonçalves Carvalho**

*Aldenora Márcia Belo Pinheiro Carvalho***

*Heridan Guterres Pavão Ferreira****

RESUMO

O presente estudo é baseado no conto de Charles Perrault (1628-1703), *A Bela Adormecida no bosque*, datado de 1697. Objetivamente, a partir dos pressupostos teóricos de autores como Bettelheim (1980), Corso e Corso (2006), Mendes (2000), entre outros, buscamos investigar acerca das simbologias por detrás do tão conhecido sono que afeta a personagem principal do conto, realizando uma sondagem psicanalítica da protagonista, e prováveis sentidos ocultos da narrativa. Uma simples e inocente história, ao ser analisada profundamente, como no caso de *A Bela Adormecida no bosque*, ganha várias nuances até então desconhecidas, ressignificando o conto infantil, trazendo-o a um novo patamar no que tange à mensagem que é transmitida a partir da narrativa. Ao estudarmos e averiguarmos a obra e seu contexto, desde os aspectos mais triviais às situações mais insólitas, desbravando as pistas deixadas pelo autor, podemos chegar à guisa de uma conclusão acerca de um despertar para uma nova vida.

PALAVRAS-CHAVE: A Bela Adormecida; Literatura Infanto-Juvenil; Perrault; Sono.

ABSTRACT

The present study is based on the tale of Charles Perrault (1628-1703), Sleeping Beauty in the Woods, dated 1697. Objectively, based on the theoretical approaches of authors such as Bettelheim (1980), Corso e Corso (2006), Mendes(2000), among others, we will investigate the symbologies behind the well-known sleep which affect the main character of the tale, conducting a psychoanalytical examination on the protagonist, and presumed hidden senses within the narrative. A simple and innocent story, when analyzed deeply, as in the case of “Sleeping Beauty in the Woods”, earns several nuances that remained unknown to this point, giving a new meaning to the children's story, bringing it to a new level of essence in regard to the message that is transmitted through the narrative. As we study and ascertain the book and its context, from the most trivial aspects to the most uncanny situations while exploring the clues left by the author, we can be assertive in drawing conclusions from an awakening to a new life.

KEYWORDS: *Sleeping beauty; Youth literature; Perrault; Sleeping.*

1 Introdução

O mundo ocidental é frequentemente permeado por referências e analogias sobre os contos infantis – os chamados contos de fadas –, parte dessa presença ocorre em razão da influência da bilionária companhia hollywoodiana que imprime suas

* Graduada em Letras Português/Espanhol pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA, São Luís, Maranhão, Brasil. adriannecarvalho35@gmail.com

** Professora Assistente do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, São Luís, Maranhão, Brasil. herabello@hotmail.com

*** Professora Adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, São Luís, Maranhão, Brasil. hguterres@gmail.com

readaptações dos contos clássicos em diversas plataformas, sejam impressas, digitais, publicitárias etc. Sendo o mercado cinematográfico muito receptivo a tais adaptações, dificilmente não conhecemos alguma dessas histórias ou, ao menos, o fio condutor da narrativa de grande parte dos contos de fadas, onde, entre eles, destacamos A Bela Adormecida.

No artigo ora apresentado nos basearemos na versão clássica de Perrault, versão bastante antiga, ainda que não a primeira. Estudos apontam para a existência de inúmeras versões dessa narrativa, sendo a mais anosa que se tem conhecimento, a do italiano Giambattista Basile, sob o título *Sol, Lua e Tália*, de 1634. No entanto, neste estudo, ainda que concebidas numa visão clássica, não utilizaremos as versões anteriores ou posteriores a Perrault, de forma que focalizaremos exclusivamente no conto A bela adormecida no bosque.

2 Aclimatando A Bela Adormecida no Bosque

Na história *A Bela Adormecida no bosque*, Perrault segue o mesmo fio condutor bastante conhecido do público em geral. Entretanto, é possível identificar relações divergentes em pequenos pontos da narrativa, como ocorre, por exemplo, com a versão cinematográfica dos estúdios Disney (1959), como veremos adiante.

O livro se inicia com um rei e uma rainha que por muito tempo tentavam gerar um filho, porém não conseguiam realizar o desejo de ter um herdeiro, até que em um certo dia, enquanto a rainha banhava-se na lagoa, apareceu um sapo dizendo-lhe que seu sonho se concretizaria em menos de um ano. O rei e a rainha ficaram resplandecentes de felicidade com a ideia da gravidez e, para celebrar tal felicidade, chamaram todas as fadas do reino para que fossem madrinhas da princesinha. Sete fadas foram encontradas e, no tempo determinado para o nascimento, cada uma delas daria para a criança um dom específico como presente.

Finalmente, entretanto, a rainha ficou grávida, e deu à luz a uma filha: foi feito um belíssimo Batizado; deram como Madrinhas à Princesinha todas as Fadas que foi possível encontrar no País (encontraram sete), a fim de que cada uma delas lhe fizesse um dom, como era costume das Fadas naquele tempo, de modo que a Princesinha teve todas as perfeições imagináveis. (PERRAULT, 2007, p. 83).

Quando a princesa nasceu, a família real convocou uma grande festa para seu batismo, na qual as fadas poderiam agraciar a menininha com os dons predestinados. No dia do banquete, enquanto cada uma das sete fadas se sentava à mesa, apareceu uma fada muito velha, a qual não se tinha conhecimento até então, pois, como esta não saía de sua torre há 50 anos, todos os súditos do reino acreditavam que estivesse morta. O rei pediu que pusessem lugar à mesa e servissem do banquete à velha, porém não houve tempo de preparar talheres de ouro maciço como os das demais fadas, afinal ela havia chegado atrasada e em um momento em que o jantar já estava acontecendo. Assim, acreditando ter sido desprezada, a fada amaldiçoou a pequena princesa, dizendo que a linda criança espetaria o dedo com um fuso e, em consequência desse acidente, morreria entre os 15 a 16 anos. O conto de Perrault (2007, p. 84) descreve que “chegando a vez da Fada velha, ela disse, balançando a cabeça mais ainda por despeito do que por velhice, que a Princesa iria furar o dedo com um fuso e morreria disso”.

No entanto, havia uma fada que ainda não tinha regalado a princesa com um dom que restara, assim, em uma tentativa de contornar a situação, se propôs a atenuar a maldição invocada pela fada velha. Porém, mesmo não tendo o poder para aniquilar o feitiço, a última fada amainou a terrível maldição, fazendo com que a princesa, em vez de morrer ao tocar o fuso da roca – conforme predestinado –, apenas dormisse por longos 100 anos, a cabo de ser acordada pelo filho de um rei.

Nesse momento, a Fada jovem saiu de trás da tapeçaria e disse bem alto estas palavras: “Ficai tranquilos, Rei e Rainha, vossa filha não morrerá disso; é verdade que não tenho poder bastante para desfazer inteiramente o que a mais velha fez. A princesa vai furar a mão com o fuso; mas em vez de morrer, ela apenas cairá num sono profundo que durará cem anos, ao fim dos quais o filho de um Rei virá acordá-la”. (PERRAULT, 2007, p. 84).

No intuito de preservar a filha, o rei tentou evitar a todo custo que a maldição se concretizasse, proibindo a entrada de rocas de fiar no reino por um extenso período de tempo e, por conseguinte, em seu castelo. Todavia, o decreto que estabelecera previamente não foi suficiente para resguardar a vida de sua primogênita. Uma mulher, que jamais tinha ouvido falar sobre as proibições do rei em relação ao uso de rocas, fiava tranquilamente no alto de uma torre, até que um dia, durante uma viagem dos pais, a bela princesa a encontrou. O encontro entre as duas aconteceu quando “[...] um dia,

correndo pelo Castelo e subindo de quarto em quarto, a Princesa chegou até o alto de uma torre num quartinho de despejo, onde uma boa Velhinha estava sozinha fiando na roca” (PERRAULT, 2007, p. 84).

A princesa, encantada com a atividade de fiar, não demorou para querer testar aquela desconhecida máquina. Inevitavelmente, no instante em que espetou o dedo no fuso da roca, caiu como se estivesse morta, e tal como havia sido predestinado pela última fada, a princesa entrou em um sono profundo.

A boa velhinha, em apuros, grita pedindo socorro: chega gente de todos os lados, jogam água no rosto da Princesa, desapertam-lhe as roupas, batem-lhe nas mãos, esfregam-lhe as têmporas com vinagre da Rainha da Hungria; mas nada a fazia voltar a si. (PERRAULT, 2007, p. 85).

O rei ficou desolado com tudo que sucedera e resolveu colocar a filha “sobre um leito de ricos bordados de ouro e prata” (PERRAULT, 2007, p. 86), ordenando que todos saíssem do palácio para que a deixassem descansar. Ao saber do que havia acontecido no castelo, a fada responsável por amenizar o feitiço letal resolveu presentear a princesa uma vez mais. Temendo que a filha dos reis despertasse desorientada e sem saber como proceder ao fim dos 100 anos de sono, perpetrou com que todos os súditos do castelo também entrassem em sono profundo durante a mesma quantidade de anos. A narrativa aponta que “logo que os tocou, adormeceram todos, para só acordar junto com sua Senhora, a fim de estarem prontos para servi-la quando precisasse” (PERRAULT, 2007, p. 86).

A obra descreve que passados apenas vinte minutos da saída dos reis das dependências do castelo; cresceu, subitamente, uma enorme quantidade de arbustos e árvores ao redor do local. A vegetação era tão densa no entorno do palácio que impossibilitava a entrada de qualquer pessoa naquele lugar, permanecendo visível aos olhos humanos somente as torres do castelo, já que essas beiravam os céus.

Como a profecia prenunciada pela fada, 100 anos depois, o filho de um rei que passava por ali avistou as torres do castelo. Sem saber o que pensar em decorrência de todos os boatos que assolavam a região, o jovem perguntou a um velho camponês o que havia naquele palácio. O camponês explicou-lhe que, segundo as histórias contadas por seu pai, havia uma princesa que dormia naquele local há mais de 50 anos, e esta era a mais bela mulher do mundo, ainda acrescentando que muitos jovens tentaram chegar até

ela, porém todos sem sucesso, o que não o desanimou, já que “o jovem Príncipe, diante do que ouviu, sentiu-se todo afogado” (PERRAULT, 2007, p. 86).

De súbito se tornou enamorado, o que o impulsionou a enfrentar a densa vegetação de arbustos contorcidos e adentrar o castelo. Segundo Perrault (2007, p. 87), após a admirável peripécia, o príncipe “aproximou-se a tremer e admirado, e pôs-se de joelhos ao lado dela. Então, como chegara o momento do fim do encantamento, a princesa acordou”. Por conseguinte, ao acordar do profundo sono, a princesa se apaixonou pelo príncipe, como já compreendido, um sentimento mútuo, uma vez que o jovem já havia enfrentado seus medos e a selva para poder encontrá-la, logo depois garantindo-lhe que a amava mais do que a si mesmo. No mesmo instante, todos os outros moradores do castelo despertaram, atônitos com tudo que acontecia e testemunhando o amor das altezas, imediatamente pediram que o Capelão-mor celebrasse o casamento dos jovens.

O conto avança para após o casamento, em um momento em que o príncipe volta para seu reino e, conseqüentemente, sua vida cotidiana, no entanto sem a esposa, que permaneceu em seu antigo lar por dois anos, mantendo seu matrimônio em segredo. Dessa união, a bela princesa deu à luz a duas crianças gêmeas, Aurora e Dia. Com o falecimento do rei – pai do nobre esposo da bela adormecida –, o príncipe, finalmente, decidiu voltar aos braços da amada e levá-la, juntamente com os filhos, para viverem em seu palacete, enfim assumindo a união publicamente.

Neste ponto da história, quando acreditamos que por fim haverá um final feliz para todos, sucede uma reviravolta no conto, e é apresentado aos leitores um detalhe: a mãe do príncipe não é humana, e sim, uma ogra, o que, por causa da natureza da sua espécie, a faz sentir-se tentada a devorar os netos e a nora.

Tempos depois, durante uma viagem do príncipe – agora rei –, sua mãe, a rainha-ogra, aproveitando que o filho está ausente, provavelmente lutando em uma guerra, cede à tentação de comer as crianças e ordena ao mordomo que “prepare” os netos – Aurora e Dia – para deleitar o seu apetite primário e animalesco. Todavia, o mordomo, com pena das crianças, as esconde e substitui os pequenos por um animal, a ogra se delicia com a suposta cocção das crianças e ordena que o mordomo “prepare” também a princesa para sua próxima refeição. O príncipe retorna nessa hora extrema, livrando a princesa da morte em um caldeirão de água fervente. O conto de Perrault

finaliza descrevendo a morte da rainha-ogra pelas mãos do próprio filho, que procede a esse ato extremado para salvar a esposa. Por último, após tantos descontentamentos, a Bela Adormecida consegue viver em paz e harmonia com seu marido e filhos em um clássico, digno e merecido felizes para sempre.

3 Uma heroína passiva

Embora a narrativa apresente diversas temáticas pertinentes ao imaginário infantil, é muito importante ressaltar a passividade encontrada neste conto. Podemos inferir que dentre as famosas princesas descritas nos contos de fada, nenhuma chega a ser tão passiva quanto a bela princesa adormecida. A passividade que caracteriza a personagem é percebida logo no título do conto, a princesa não tem um nome, apenas um adjetivo que a difere das demais: a beleza inerte. Ao lermos o conto, percebemos que a herdeira enfeitiçada seduz o príncipe mesmo estando “morta”, isto significa dizer que o aparente sono da morte não invalida sua beleza, ao contrário, apenas comprova o quão bela e encantadora a princesa era e é, não importando as condições que esteja. Nessa acepção, Corso e Corso (2006, p. 74), ressaltam que “a entrega da Bela Adormecida é completa, nenhuma princesa oferece tanta passividade a um homem como ela”.

Entretanto, precisamos evidenciar que nessa perspectiva, a aparente passividade não é sinônimo de silêncio; longe disso, ações supostamente silenciosas podem ser bastante ativas, basta que a causa seja sentida como sua, ou seja, ainda segundo Corso e Corso (2006, p. 75), passividade “significa sofrer em sua pessoa ações ou desejos que não antecipou, que não supôs que pudessem ocorrer”. Ao analisarmos por esse viés, temos mais uma comprovação da passividade dessa heroína, uma vez que esta ocupa o papel de uma mulher *tradicional ideal*, isto é, aquela que se guarda, que se mantém silenciada, resignada e tem suas decisões tomadas pelos homens que a cercam.

Nos dias atuais, o papel de bela adormecida causa estranhamento para a mulher contemporânea e pode, amiúde, despertar aversão por seu caráter apático. Por essa razão, destacamos a importância de considerar o contexto histórico ao analisarmos o conto do escritor francês, pois se não levarmos em consideração as temáticas pertinentes à época em que foi escrito, incorreremos em anacronismos nos diversos aspectos da narrativa, afinal seria ilógico analisar um conto do século XVII com as representações

simbólicas do século XXI. Nessa concepção, é preciso perspectivar o conto e as nuances da personagem Bela Adormecida com o olhar perspicaz de um contexto histórico-cultural que considerava a passividade da princesa como modelo ideal de mulher, a mulher perfeita, aquela que ao nascer, recebeu das fadas madrinhas todos os dons para tornar-se primorosa aos olhos da sociedade.

Nesse sentido, Bela Adormecida foi realmente passiva, ocupou a posição paradigmática da feminilidade tradicional, aquela que conduzida pelo pai é entregue nos braços do marido na cerimônia de casamento. O simbolismo desse gesto é como o de um objeto, que passa de mão em mão, sem ter um querer que defina sua trajetória. (CORSO E CORSO, 2006, p. 75).

Ao aprofundarmos o olhar sobre o conto de fadas, observaremos que o entrelace entre a passividade e o erotismo feminino é antigo. As maiores e mais conhecidas narrativas de amor apresentam, em sua maioria, essa relação convergente, qual seja: o despertar do amor e do desejo no outro de forma espontânea. A literatura nos mostra em diversas outras narrativas que o erotismo pode ocorrer quando há percepção do desejo do outro sobre si em situações que o indivíduo não esperava despertar nenhuma forma de desejo. Ou seja, mesmo que o indivíduo esteja absorto em atividades corriqueiras e nada sensuais, ele pode despertar desejos, isto significa dizer que, supostamente, somos interessantes para o outro, mesmo que não tenhamos o intuito de ser.

Nesse prisma, ao considerarmos o gênio da natureza, inferimos que uma mulher preferiria notar o entusiasmo que causa no outro, sem, necessariamente, ter que seduzir, sem passar por possíveis constrangimentos ou ter que entrar em contenda com outra mulher. Desse modo, a passividade passa a ser parte substancial do cenário erótico das relações humanas, assumindo um posto privilegiado, transitando por um acentuado desejo em *ser* desejável, sem que precise, imperiosamente, provocar isso. Tal processo ocorre com a Bela Adormecida; mesmo encontrando-se em uma situação agudamente passiva, ela seduz e fascina, isto é, sua sexualidade é latente para com o outro.

4 O “pré-sono”

Percebemos que a princesa tem o destino traçado por uma maldição que imprecava uma morte trágica entre os 15 para 16 anos de idade. Como vimos, tal

maldição fora amenizada por uma boa fada, que transformou a praga da morte em um sono profundo com a duração 100 anos. Também observamos que apesar de estar apenas dormindo durante aqueles 100 anos, a princesa está morta para tudo que a rodeia, ela deixa de existir no plano da realidade aparente, visto que ela não se alimenta, não fala, não se relaciona com ninguém, unicamente mantém os sinais vitais, tal como num quadro vegetativo.

O conto é marcado essencialmente pelo adormecimento da princesa, sendo esse sono semelhante à morte, o principal acontecimento de toda a narrativa, seu clímax. É interessante notar que antes da princesa ser arrebatada pelo sono profundo, há uma história que antecede tais acontecimentos, entretanto os fatos que precedem o longo sono não ignoram a sua existência.

Ora, identificamos que a personagem principal do conto é uma adolescente, e como tal, vivenciaria, no plano da realidade, todos os prazeres e dissabores próprios da idade. *A Bela Adormecida* de Perrault está adentrando no período em que as meninas daquela época costumavam ter a menarca – período que marca o início da idade fértil da mulher –, aspecto este que consideramos bastante pertinente, embora permaneça subjacente na narrativa, mas não sem nenhum propósito. No livro *A psicanálise dos contos de fadas* (1980), Bettelheim explica o porquê dessa fase “pré-sono” ser um fator fundamental para conduzir ao clímax da história

Enquanto muitos contos de fadas frisam os grandes feitos que um herói deve executar antes de ser ele mesmo, "A Bela Adormecida" enfatiza a concentração demorada e tranquila que também é necessária para isso. (BETTELHEIM, 1980, p. 240).

Cientificamente, é natural que as meninas passem por uma fase de passividade, sonolência, apatia e introspecção quando estão prestes a ter a menarca. Tal passividade também pode ser compreendida como congênita a períodos da vida em que ocorrem grandes mudanças, assim como a adolescência.

Nesse sentido, entendemos que a passividade é necessária, posto que esta é concebida como um estágio de contemplação sobre o *eu*, para que a pessoa se autoconheça e esteja apta a tomar decisões mais assertivas sobre diversos aspectos da vida. Destarte, o período assimilado como de pré-sono nos mostra que esse momento de contemplação sobre *si* é não somente natural, como também necessário. Esse momento introspectivo serve como um período de reclusão social para que o adolescente, depois

de uma autorreflexão, esteja pronto para alçar voos maiores e melhores, para que tenha seus alvos e metas mais claros e definidos, afinal, depois desse instante, se conhece melhor. Bettelheim (1980) disserta:

Contos de fadas como "A Bela Adormecida", que têm como tópico central um período de passividade, permitem ao adolescente em flor não se preocupar durante o seu período inativo: ele aprende que as coisas continuam a acontecer. O final feliz assegura à criança que ela não ficará presa permanentemente na imobilidade mesmo que no momento este período de quietude pareça durar cem anos. (BETTELHEIM, 1980, p. 241).

Como vimos, para Bettelheim, depois que passa esse período de inatividade característico da adolescência, os mesmos recompensam esse curto espaço de tempo e tornam-se mais ativos. Tal como na vida real, a linguagem dos contos de fadas, em especial em *A Bela Adormecida no bosque*, nos faz mudar a perspectiva em torno da adolescência, logo, compreendemos que depois de um longo período de solidão e, de modo consequente, amadurecimento, esse jovem estará qualificado para ser mais autêntico e determinado, apesar de todos os perigos que porventura venha a enfrentar.

Ademais, nessa acepção, crescer é uma atividade submersa em riscos, o indivíduo perde, dentre tantas outras garantias, a segurança da infância, a moradia e o aconchego dos pais. Por outro lado, o afã e as responsabilidades que sobrevêm à vida adulta alcançam o jovem abruptamente, e seguindo esta linha de pensamento, o adolescente acaba perdendo seu modo inocente de enxergar o mundo e vai se deparando com o desconhecido e inusitado mundo real. Neste aspecto, o conto estimula esse jovem a não temer a “ameaça” de crescer, indicando que com o tempo tudo se resolverá da melhor forma possível, tal ideia é reforçada com o final feliz descrito na história.

"Branca de Neve" e "A Bela Adormecida" encorajam a criança a não temer os perigos da passividade. Apesar de muito antiga, "A Bela Adormecida" tem, de várias maneiras, uma mensagem importante para a nossa juventude atual, mais importante do que muitos outros contos. Atualmente muitos jovens - e seus pais temem o crescimento calmo, onde parece não acontecer nada, devido a uma crença comum de que só se fazendo coisas pode-se atingir os objetivos. "A Bela Adormecida" diz que um período longo de calma, de contemplação, concentração sobre o eu, pode levar e seguidamente leva às maiores realizações. (BETTELHEIM, 1980, p. 241).

5 Os 100 anos de reclusão e o sono da morte

Segundo Pitágoras, os números têm uma expressiva implicação com as relações místicas e ocultas, havendo sempre um sentido para o que é posto a partir deles. Assim, não é por acaso que o sono da bela princesa dura um tempo preciso de 100 anos. Entretanto, para entendermos tal relação, se faz necessário a busca por um conceito acerca do sentido do número 100 numa concepção mítica.

Este número individualiza a parte de um todo que, por sua vez, é apenas parte de um conjunto maior. [...] O cem é uma parte que forma um todo dentro do todo, um microcosmo dentro do macrocosmo, que distingue e individualiza uma pessoa, um grupo, uma realidade qualquer dentro de um conjunto. E essa entidade assim individualizada possuirá suas propriedades distintivas, que a tornarão de uma eficácia particular dentro de um conjunto mais vasto. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p. 218-219):

De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2009), o número 100 cumpre o papel de completude, de etapa cumprida. Há uma razão para que a princesa durma durante exatos 100 anos, e não 30, 50 ou 70. Ao retomarmos ao conto, lembramos que durante o seu demorado sono, a princesa estava inteiramente cercada por árvores, arbustos e espinhos, os quais faziam com que todo o território ao seu redor fosse extremamente difícil de penetrar. Contudo, ao final do tempo estabelecido, vimos que as árvores e a densa vegetação se abriram para que o príncipe pudesse entrar o reino sem nenhuma dificuldade.

Assim, a vegetação inóspita que por tanto tempo circundara a princesa, ao final do tempo previsto, finalmente se abriu para dar passagem a quem *deveria* ter passagem, e à proporção que este avançava, os arbustos contorcidos não lhe causavam nenhum dano, tampouco dificultavam sua trajetória, mesmo que este ainda tivesse medo, algo completamente natural. Vale destacar que diversos príncipes tentaram chegar ao castelo para encontrá-la durante o tempo em que dormia, porém todos fracassavam e pereciam entre os espinhos, uma vez que estes tentavam alcançar e despertar a Bela Adormecida antes do tempo definido, ou seja, antes do tempo predestinado dos 100 anos, que, como já vimos, foi o tempo necessário à maturação.

Portanto, o conto de Perrault adverte as crianças e seus pais que o despertar para a vida adulta – e por extensão ao sexo – pode ser algo devastador se feito antes do

tempo apropriado e predefinido pela natureza. Isto significa dizer que aquele indivíduo que ignora o percurso da natureza e tenta adentrá-lo antes que a mente e o corpo estejam preparados para tal, pode vir a "perecer entre os espinhos" da vida. Nesse sentido, esperar é o caminho. Segundo Bettelheim (1980), quando a Bela Adormecida finalmente adquire maturidade, ao término dos 100 anos, ela se encontra pronta para o casamento e para o sexo com o príncipe.

Mas quando Bela Adormecida finalmente adquiriu maturidade física e emocional, e está pronta para o amor, e por conseguinte para o sexo e o casamento, então o que antes parecera impenetrável se abre. O muro de espinhos subitamente se transforma numa cerca de flores grandes e belas que se abre para o príncipe entrar. A mensagem implícita é a mesma de vários outros contos de fadas: não se preocupe e não tente apressar as coisas - no seu devido tempo, os problemas impossíveis serão solucionados, como que espontaneamente. (BETTELHEIM, 1980, p. 249).

Dessa forma, vemos uma perfeita analogia com os príncipes anteriores ao que veio a se casar com a bela, muitos tentaram, sem sucesso, adentrar e desbravar o caminho até ela, porém, por mais que muito se empenhassem não conseguiriam, pois a própria bela adormecida não estava pronta para tal, o que apenas reforça a real necessidade de um momento de reclusão para si na busca pelo autoconhecimento.

6 Isolamento Narcisista

O profundo sono da encantadora princesa pode apresentar outras conotações no que tange ao seu isolamento para com o resto do mundo. Nessa configuração, não importa quem seja o adolescente: se o adolescente atual ou da Antiguidade, se aquelas personagens descritas nos contos de fadas ou nas séries televisivas dos dias de hoje; a imaginação adolescente de uma juventude e perfeição eterna é tão somente uma idealização, um sonho trivial. A maldição feita pela oitava fada, que pressagiou a morte da princesa e, desse modo, a alteração dessa maldição para um sono demorado, preconiza que as duas profecias estão inter-relacionadas. Portanto, se não estamos dispostos a crescer, nos modificar, evoluir e desenvolver, estaremos nos aprisionando em um sono similar à morte.

Durante o sono da Bela Adormecida, há o que Bettelheim (1980, p. 249), descreve como um “isolamento narcisista”, aspecto caracterizado pelo fato da princesa se manter completamente frígida durante todo o tempo, principalmente sua beleza. Segue-se, portanto, que nesse período de autodescobrimento, ao se fechar para o mundo, há uma “negação” da personagem para obter partido nas boas coisas do mundo, pois não há ganho sentimental e nem intelectual.

Isto posto, podemos considerar que o instinto natural à ameaça iminente do crescimento é a procura por um refúgio do mundo adulto, que, inevitavelmente, impõe as dificuldades necessárias ao amadurecimento do sujeito. Compreendemos assim, que o ensimesmamento ou introspecção é uma opção tentadora, não obstante o conto adverte que tal atitude pode resultar em uma experiência perigosa, semelhante à morte, deixando claro que quando o indivíduo se fecha para o mundo, este se fecha para o sujeito.

Entendemos então, que a chave para que o mundo permaneça vivo para nós e nos acolha é justamente o convívio com outros, isto é, a socialização, a interação. Na defesa desse aspecto, Bettelheim (1980), nos explica o motivo de todos os servos do castelo acordarem quando a princesa começa a ter contato com o príncipe.

O mundo só está vivo para a pessoa que desperta para ele. Só o relacionamento com os outros nos "desperta" do perigo de deixar nossa vida adormecida. O beijo do príncipe rompe a praga do narcisismo e desperta a feminilidade que até então não se desenvolvera. Só se a donzela se transforma em mulher a vida pode prosseguir. (BETTELHEIM, 1980, p. 249).

O encontro dos príncipes ocorrendo na hora apropriada, – no tempo da natureza – simboliza a maturidade necessária para que haja uma boa relação com o outro. Eis chegado o tempo, os 100 anos se passaram, a áspera floresta de arbustos se desfez, não há o que temer, e mesmo que demore a chegar, tudo acontece no momento em que estamos preparados, no momento em que a natureza determina seu fluxo natural.

Considerações finais

À guisa de uma conclusão, este conto clássico da Literatura Infanto-Juvenil nos mostra repleto de ensinamentos para crianças, adolescentes e adultos. Tais

ensinamentos, por mais antigos que sejam, não se perdem. A importância dada a momentos de contemplação sobre si, a importância dada a esperar o momento certo, a ordem correspondente ao gênio da natureza são instruções perenes. Nessa digressão necessária, observamos que tudo isso é essencial para uma nova geração, que com os adventos tecnológicos, e o ritmo frenético da pós-modernidade, desconhece o sentido da palavra *paciência*, desconhece a importância de saber agir com cautela e parcimônia, como as personagens descritas por Perrault.

Neste artigo, tentamos pontuar os sentidos que subjazem na narrativa do francês no que toca ao sono da protagonista, de modo que para fins didáticos, excetuamos outros estudos acerca de diversas temáticas que emergem do conto e nos concentramos tão somente nesse recorte. Assim, podemos elencar uma gama de ensinamentos, que para além de muito úteis, sobretudo para adolescentes e jovens, são, todavia, imprescindíveis a todos os indivíduos de qualquer época e em qualquer fase da vida.

Até dormir, a Bela Adormecida é uma criança curiosa, que deseja desvelar o desconhecido, que se materializa na roca de fiar. Ao tocar o equipamento e ser por ele picada, a princesa sente dor e sangra, adentrando o portal para a vida adulta. O sono da princesa, ao longo do conto, materializa o sentido da espera, no que concerne à necessidade de amadurecimento da protagonista, por meio do passar do tempo. O sono antecede o despertar, quando a moça está pronta para viver as etapas seguintes de sua vida amorosa e conjugal.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução: Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BULFINCH, Thomas. Cupido e Psiquê. In: *O livro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Tradução: Luciano Alves Meira. São Paulo: Martin Claret, 2006. cap. 11. p. 115-125.

CADEMARTORI, Ligia. Começou com Perrault. In: *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 2006. Cap. 3. p. 33-42.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT A. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Tradução de Vera da Costa Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim, Lúcia Melim. 24 ed. Rio de Janeiro: José Olimpo, 2009, p. 218-219.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. O despertar de uma mulher: A Jovem Escrava, Branca de Neve, A Bela Adormecida e Sol, Lua e Tália. In: *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 75-92.

MENDES, Mariza. B. T. *Em busca dos contos perdidos: O significado das funções femininas nos contos de Perrault*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MUELLER, J. C. *No universo do desencanto: o mito de A Bela Adormecida na poética de Ana María Matute*. Santa Cruz do Sul, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unisc.br/bitstream>>Júlia. Acesso em: 8 mai. 2017.

PERRAULT, Charles. A Bela Adormecida no Bosque. In: *Contos e fábulas*. Tradução: Mário Laranjeira. São Paulo: Iluminuras, 2007. p. 83-91.

SOUZA, Bruna Cardoso Brasil de. *Charles Perrault e os contos da Mamãe Gansa*. 2014. 41f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara-SP. Disponível em: [<http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/124153/000829867.pdf?sequence=1>]. Acesso em: 25 abr. 2016.

Data de recebimento: 30/03/2018

Data de aceite: 16/04/2018